

The Project Gutenberg eBook of A ultima ceia do Doutor Fausto, by Alberto Pimentel

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: A ultima ceia do Doutor Fausto

Author: Alberto Pimentel

Release date: April 27, 2011 [EBook #35982]

Language: Portuguese

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK A ULTIMA CEIA DO DOUTOR FAUSTO ***

E-text prepared by Pedro Saborano

OPUSCULOS ROMANTICOS

I

**A ultima ceia
DO DOUTOR FAUSTO**

NARRATIVA

POR

Alberto Pimentel

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA

Rua do Calvario, 36

1876

OPUSCULOS ROMANTICOS

A ultima ceia

DO DOUTOR FAUSTO

NARRATIVA

POR

Alberto Pimentel

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA

Rua do Calvario, 36

1876

AO MEU PREZADO AMIGO

O

Snr. Conselheiro Telles de Vasconcellos

Ihr naht euch wieder, schwankende Gestalten,
Die früh sich einst dem trüben Blick gezeigt.
FAUSTO—Goethe.

Resurgis outra vez, vagas figuras,
Vacillantes imagens que á turbada
Vista accudieis d'antes?
Traducção do Visconde de Almeida Garrett.

Tornai-me a apparecer, entes imaginarios,
Que me enchieis outr'ora os olhos visionarios!
Traducção do Visconde de Castilho.

Fazia n'essa noite setenta annos.

Elle era o mais distincto, o mais elegante, o mais popular e o mais respeitado dos medicos. Alto, magro, pallido, com as faces ligeiramente avincadas, bigode nevado como os cabellos, não raros, e ainda penteados com distincção, vestindo quasi sempre casaca, e trazendo arregaçadas sobre os hombros as lapellas do seu largo *paletot* alvadio, calçando luva escura, fumando continuamente os melhores charutos de contrabando, tendo uma voz saccudida, firme, sonora, trazendo á flor dos lábios uma amabilidade para cada mulher que encontrava, um dito conceituoso e innocente para cada homem, sabendo festejar as creanças e animar os doentes, sereno, risonho, impavido, chegára a attingir na sociedade uma d'essas invejaveis posições de

fausto e consideração, sem ressentimentos, sem despeitos, sem malquerenças, emfim.

Toda a gente o conhecia pelo appellido: o doutor Filippe Sullivan.

Ninguem pensou nunca em saber de quem era filho, que parentes ou que ligações de familia elle tinha. Vivia só, servido por criados de lenço branco e casaca. Appareceu na eschola medica como estudante assombroso. Os jornaes começaram a fallar dos seus brilhantes exames e das suas theses magnificas. Acontece aos nomes o que acontece ao dinheiro. Desde que são lançados á circulação, como qualquer pequena moeda de oiro ou de prata, quem póde saber a que destino terão de chegar? Umaz vezes esse nome tem a felicidade de merecer uma apothese, como certas moedas a de perpetuarem uma epocha esplendorosa na historia das civilizações; outras vezes esse nome abysma-se no vasto sorvedoiro dos povos, como certas moedas revoluteam nos abysmos escurissimos da miseria ou do crime. Mas o nome de doutor Filippe Sullivan estava fadado para o destino glorioso dos homens immortaes. Começaram todos os doentes a chamal-o, a querel-o, a disputal-o, porque elle começou tambem a não chegar já para a sua gloria,—deliciosa contrariedade que acontece a todos os grandes homens nos paizes pequenos. Toda a gente requer o medico fulano, quando esse medico é distincto como o dr. Filippe Sullivan, e o paiz é tão pequeno como Portugal; um habil estadista principia a ser importunado para todas as commissões de serviço publico, como um actor notavel para todos os espectaculos de beneficencia. Em França, na Inglaterra, na Allemanha ha medicos especialistas, que tratam apenas molestias de olhos, de peito ou de coração. Nenhum medico, nesses vastos paizes, póde ter a felicidade de ser disputado por todos os doentes da sua patria, e dahi vem a necessidade de applicar-se exclusivamente a um só ramo da sua difficil sciencia, para dar na vista, para chegar a entrar nas academias e nos institutos.

{9}

No curso do dr. Filippe Sullivan houve repazes de subido talento, que no dia das ultimas theses se dispersaram remando cada um ao sabor de sua imaginação. Uns fizeram-se medicos, unicamente medicos. Outros, para quem a medicina era apenas uma profissão, dedicaram-se ao jornalismo, á politica, ás finanças, á litteratura propriamente dita. Em todos esses espiritos, mais ou menos levantados e instruidos, havia a mais profunda, a mais leal e a mais perduravel adoração pelo dr. Filippe Sullivan. Elle tinha sido presidente de quantas sociedades academicas se constituiram durante o seu curso; elle fôra o ardente orador de todos os comicios escolares; o leccionista voluntario e gratuito de todos os companheiros mais destituídos de fortuna ou de intelligencia; elle chamára ás suas festas de estudante sempre premiado todos os amigos, condiscipulos e contemporaneos; elle adquirira, finalmente, a mais espontanea e a mais firme popularidade com que se póde sair das escholas para entrar na sociedade, por mais difficil que a sociedade seja. Estes homens novos e intelligentes, socialmente distribuidos consoante as suas aptidões naturaes, começaram por lembrar ao paiz que tinham sido amigos ou companheiros d'esse grande medico que estava destinado a ser uma das primeiras notabilidades do seu tempo e da sua patria. Então pullularam de toda a parte os livros de sciencia, as dissertações, os romances, os folhetins, os versos dedicados a elle, ao dr. Filippe Sullivan, com as mais elegantes e mais ardentes dedicatorias que um rapaz sabe escrever ao entrar na sociedade. A anecdotas, esta grande mola da celebridade, foi ao encontro do dr. Filippe Sullivan, receiosa de que tamanho homem conseguisse immortalisar-se sem o seu velho e pittoresco auxilio. Um dia, n'uma epocha em que o doutor fizera cinco ou seis operações tão difficeis como felizes, encontrára á sua porta, no momento de sair de casa, uma elegante equipagem, cuja libré não reconheceu no primeiro momento. Accendendo vagarosamente o seu charuto, o dr. Filippe Sullivan perguntou se aquella carruagem o esperava. Responderam-lhe que era sua. O doutor olhou fito no trem, e viu as iniciaes F. S. Ao mesmo tempo descia da boleia o cocheiro e perguntava respeitosamente:

{10}

—V. ex.^a para onde quer ir?

Nunca pôde descobrir quem lhe offercera a equipagem. Os seus doentes operados pertenciam a familias nobres e opulentas, todas ellas na prospera situação de tão largo presente. O caso divulgou-se immediatamente, toda a gente começou a fazer conjecturas, e a carruagem do dr. Filippe Sullivan principiou a gozar uma celebridade que fazia parar na rua para se ficar a olhar para ella, como se fosse dentro o mysterio,—a pessoa que a offercera.

Dizia-se alto e bom som:

—Foi o visconde de...

{11}

—Foi o marquez de...

—Foi o conde de...

E á bocca pequena:

—Foi a viscondessa...

—Foi a marqueza...

—Foi a condessa...

O que é certo é que o dr. Filippe Sullivan não sabia quem fôra.

Tinha vagado na eschola medica um logar de professor d'uma das mais importantes cadeiras.

Ninguém concorreu a não ser o dr. Philippe Sullivan, porque ninguém podia e queria esgrimir com elle para ficar indubitavel e fatalmente vencido. Se o corpo cathedratico podesse ir a casa buscal-o e trazel-o levantado nos braços para a cadeira do professorado, o corpo cathedratico havel-o-hia feito. Mas a lei exigia concurso, e não havia remedio senão satisfazer á lei. Os jornaes annunciaram com grande antecipação o dia do concurso, e não tardaram a referir que um medico francez, então residente entre nós, pedira licença ao dr. Philippe Sullivan para traduzir a sua dissertação a fim de ser conhecida e devidamente apreciada nos primeiros estabelecimentos medicos de França. Houve grande empenho em ser admittido na sala dos concursos. Foi preciso reservar logar para as senhoras, porque foram muitas as que assistiram desde o primeiro dia. O dr. Philippe Sullivan era então um rapaz em todo o vigor da sua gentil mocidade. Poderia haver quem lhe pozesse a pecha de extremamente pallido, mas não faltava quem achasse na sua face a morbida doçura que caracteriza vulgarmente os homens de grande coração e maior intelligencia. Diante do corpo cathedratico grave e attento, em face do publico numeroso e recolhido, elle tinha a naturalidade da expressão, a fluencia do dizer, as imagens pittorescas e claras, os arrebatamentos scientificos, e por vezes poeticos, o gesto vigoroso e proprio, e ao mesmo passo a modestia sincera e captivante que em toda a parte davam maior relevo ás suas profundas qualidades medicas. Momentos houve em que elle, respondendo brilhantemente a habeis e repetidas objecções, fôra acolhido por um longo e voluntario murmurio da multidão, agitada por as grandes contracções nervosas que nos invadem o cerebro diante dos mais assombrosos espectaculos de prazer ou dor.

{12}

Quando elle se levantou, agitaram-se no ar centenas de braços, de professores, de estudantes, de amigos, de conhecidos e desconhecidos, como se todos podessem em verdade abraçar ao mesmo tempo, e no mesmo logar, um só homem. N'essa mesma noite, posto faltassem ainda as ultimas provas, teve sob as janellas uma ruidosa serenata de estudantes, que entusiasticamente vozeou as mais calorosas e delirantes aclamações, diremos mesmo os mais doidos gritos que o enthusiasmo pôde arrancar de peitos de vinte annos. Ó boa, ó santa, ó louca mocidade! como são grandes os teus hymnos, as tuas apotheoses e os teus delirios! Ó meigo leão, como és imponente e formidavel, quando lambes magestosamente as plantas do teu deus ou do teu heroe! Ó onda alegre e sonora, que vais espriaiar-te sob a janella do novo Fausto dos teus poemas eternos e mandar-lhe as fervidas notas da tua rumorosa serenata, tu és a grande voz da historia, tu és o olympico hymno da gloria, que se antecipa no coração da mocidade!

{13}

A primeira vez que regeu a cadeira, os estudantes de todos os cursos offereceram-lhe um jantar, em que elle, ao levantar-se para agradecer n'um só brinde as saudações que de toda a parte lhe foram dirigidas, rompeu, pronunciada a primeira palavra, numa convulsão de choro e riso, de que brotou, como entretecida de saudades e esperanças, a mais arrojada e torrentosa eloquencia que de improviso pôde jorrar de labios humanos.

Não vinham longe as eleições geraes. O nome sympathico do dr. Philippe Sullivan começou a ser apresentado em alguns comicios e recommendado por algumas classes extremamente influentes. Pessoas havia porém que lamentavam esse criminoso roubo da politica á sciencia, e que tinham sincera magua de privar a sociedade d'um medico por tal modo distincto para dar ao parlamento mais um orador. Todavia a onda eleitoral foi crescendo com a rapidez que caracteriza o ardor com que se servem as causas voluntarias, e o dr. Philippe Sullivan appareceu no parlamento festejado e respeitado pelo governo e pelas opposições. Toda a gente tinha os olhos n'elle, e toda a gente esperava com mal contida impaciencia o seu primeiro discurso. A meio da sessão parlamentar, o governo pareceu em crise, e as opposições colligadas assestavam as baterias da sua eloquencia apaixonada para varejarem o ultimo reducto do governo. N'esse dia o dr. Philippe Sullivan pedira a palavra, mas a ordem da inscripção collocava-o em ultimo logar. Foi uma carga terrivel da opposição contra o governo, e, vendo os ministros pallidos, abatidos, vexados nas suas cadeiras, todo o publico das galerias, incluido grande numero de representantes estrangeiros que enchiam a tribuna dos diplomatas, olhava para o dr. Philippe Sullivan como se fôra o unico homem capaz de oppôr o seu peito á medonha torrente das iras opposicionistas. Quando finalmente lhe chegára a palavra, e parecia não estar longe o momento em que as pastas voassem das mãos dos ministros aos pés do rei, o dr. Philippe Sullivan rompeu na mais eloquente e na mais arrojada apostrophe de indignação contra as opposições colligadas, e n'um discurso titanico, em que defendeu, medida a medida, os actos do governo, exhortando-o a levantar a frente diante da voz da ambição e das garras da inveja, elle supplantou esses terriveis antagonistas sedentos de poder, que combatem o que se fez porque elles o não fizeram. Nunca jamais orador algum sustentára, um contra cem, tão ardente e desproporcionada campanha parlamentar. Elle fôra n'esse dia verdadeiramente um gigante, um assombro de coragem e eloquencia, porque a sua palavra, interposta a dois campos inimigos, volveu-se um como baluarte invencivel, a montanha insuperavel que faz o desespero eterno dos que vendo perto a gloria ficaram finalmente vencidos.

{14}

Sempre me pareceu que a Gloria devia de ser caprichosa, porque a fizeram mulher. Mulher e formosa!

Caprichosa por certo! Ella adora os que a não amam, e aborrece os que a amam. Ella procurava, seguia, provocava o dr. Philippe Sullivan, que a não requestava, que lhe dava um sorriso e que passava adiante; ella colhia-o nos braços e enleivava-o nas mil ondulações das suas tranças fluctuantes, no parlamento, no professorado, á cabeceira do doente, sempre!

{15}

«Ah! talvez ella dissesse, tu és meu e queres fugir-me! Mais um laço, mais outro, mais cem: solta-te agora dos meus braços, despedaça, se pódés, os meus grilhões: liberta-te, escravo da

minha vontade soberana!»

E os seus grilhões, doces como os braços das mães quando cingem os filhos, tinham, e hão de ter eternamente, alguma coisa de terrível como os espinhos da juba revolta com que a leoa cobre a victima que empolgou.

«Tu, continuaria ella, tu não podes ser grande na tua cadeira de professor, e pequeno na tua cadeira de deputado. A toda a parte chega o meu influxo, o meu poder e a minha soberania. Eu sou aquelles resplendores que tu vês ondular em columnas vaporosas a dentro d'uma janella por onde entra o ar e a luz. Por toda a parte sei passar, pela janella meia fechada ou pela porta meia aberta, e, para não encontrar nunca obstaculos, faço-me pó resplendente, e entro. Aqui está o que eu sou: poeira de luz, amigo, unicamente poeira de luz. Valho tão pouco como o pó, e valho tanto como a luz! Em toda a parte estarei contigo, doutor. Até logo, até já, até sempre!»

E ella dizia, e ficava a espreital-o por detraz dos reposteiros, para o seguir quando elle sahisse.

A caprichosa!

{16}

Ó Gloria, ó bella alma inquieta, que nasceste do pó e caminhas para a luz, não valias porventura o que vales, se tu fosses realmente a Gloria sem primeiro haveres sido Mulher!

Por esse tempo celebrava-se, creio eu que em Bruxellas, um congresso medico em que todos os paizes se faziam representar pelos seus mais notaveis clinicos. Reuniu-se o corpo cathedratico para escolher o representante portuguez, e a eleição recahiu por unanimidade no dr. Philippe Sullivan.

Era mais um convite da Gloria.

No congresso de Bruxellas o dr. Philippe Sullivan foi recebido com a respeitosa admiração que o seu nome inspirava em toda a parte onde era conhecido, e foram sobretudo os delegados francezes os primeiros a encarecerem perante o congresso os profundos dotes medicos do representante portuguez, cuja dissertação de concurso possuiam traduzida no idioma patrio.

Nas mais importantes questões de medicina legal, o dr. Philippe Sullivan subiu a uma altura que foi devidamente apreciada pelo sabio congresso, e que lhe conquistou desde logo o primeiro logar entre os primeiros oradores. D'este triumpho lhe advieram subidas honras, sendo as maiores as relações d'amizade que deixou travadas com os mais conspicuos medicos europeus, e as menores as condecorações estrangeiras com que foi agraciado por intervenção dos representantes de França, Allemanha, Italia e Grecia.

Napoleão III, que reinava a esse tempo, enviou ao medico portuguez a mais nobre e distincta das condecorações francezas: a legião d'honra.

{17}

O Instituto de França abriu-lhe as suas portas de tão difficil ingresso.

Se este notavel medico houvesse permanecido em França, teria chegado á celebridade europea que lá conquistou para si e para Portugal o doutor Casado Giraldes, ha pouco fallecido. Mas nós, os portuguezes, temos profundo e ardente o amor da terra que nos foi berço, e só nos resignamos á melancolia do exilio quando um grave lance da vida nos alastra de espinhos o chão da patria. Somos, para a maior parte dos estrangeiros, uma provincia de Hespanha, um pequeno trato de terreno interposto aos Peryneos e ao Atlantico, mas o que é certo é que nós somos ardentemente ciosos d'essas poucas geiras de solo abençoado, e que respiramos aqui mais livremente do que na vastidão do mundo, que visitamos para tornar nostalgicos ao nosso ignorado vergel de laranjaes e rozeiras.

Depois, se ha homem que precise de ter sempre o coração desanuveado de sombras, e desopprimido de espinhos cruciantes, esse homem é o medico. Elle deve ser a paz, a tranquillidade, a paciencia, a consolação; elle deve repartir com os seus doentes a coragem que lhe exabunda no peito; elle deve ter sorrisos para enxugar todas as lagrimas, e palavras de conforto para calmar todos os desesperos.

Agora rasgai-lhe o coração com a incisiva lamina da saudade, e dizei-lhe: «Sorri, consola, fortifica.»

Ah! não póde ser!

Tornado a Portugal, o dr. Philippe Sullivan proseguiu na sua brilhante carreira por cima dos louros que lhe desfolhava todas as noites a mão namorada da Gloria para elle calcar no dia seguinte.

{18}

De triumpho em triumpho, o dr. Philippe Sullivan habituara-se a esquecer-se de si proprio para viver d'essa vida exterior que de toda a parte o reclamava, e que todas as noites o preocupava com os mais difficeis problemas phatologicos. Frequentava a sociedade, a melhor sociedade até, mas atravessava ordinariamente as salas com alguma grave preocupação a trabalhar-lhe o espirito. Era novo e gentil, via ondular diante de si os vagalhões doidejantes da valsa, mas a profissão completára n'elle, como quasi sempre acontece, a educação. Fora moço sobre os livros;

deixára de o ser á cabeceira dos doentes. Não conhecera aos vinte annos as tentações mentirosas das salas, de modo que um baile era para elle um espectáculo alegre, mas unicamente espectáculo. No theatro, seja qual fôr o nosso enthusiasmo pelas tempestades do drama ou pelas graciosidades da comedia, ha sempre a barreira do tablado a distanciar-nos d'essa formosa chimera cujas sensações nós fomos comprar. Tambem para o dr. Philippe Sullivan havia nas salas do baile a mesma linha divisoria que o separava dos esplendores do festim: essa linha era a posição austera do medico. «Os outros, dizia elle desculpando a sua isempção, os outros podem ser do baile, porque são de si mesmos; o medico não é de si proprio, não póde ser de ninguem. A noite é a suspensão dos cuidados para as outras classes; mas ao medico cumpre estar apercebido de noite, porque a doença tem muitas vezes a cobardia d'um salteador nocturno, e accomette principalmente de emboscada.»

{19}

O Amor via-o pois de longe a fumar os seus bellos charutos havanos e a conversar discretamente com uma ou outra pessoa, mulher ou homem, a serenidade era a mesma, e a Gloria, brincando com os anneis do seu a esse tempo negrissimo cabello, sorria por detraz da cadeira e dizia para o Amor que ia redemoinhando na sala de mãos enlaçadas com a Valsa:

«Vai, louco, nos braços d'essa louca, creanças doidas que pareceis correr enamoradas das borboletas da noite. Olhai que apressadamente desfolhaes as flores do vosso breve reinado n'esse ondejar vertiginoso. Escreveis os vossos poemas sobre o carmim das faces, e a aurora primeiro, depois o somno, apagam os vossos poemas. Os meus escrevo-os no bronze da historia para se lerem na eternidade dos tempos. Por isso não doidejo. Eu trabalho para o futuro; vós trabalhais para a noite. Ide, voai, que eu fico com os meus predilectos.»

E o dr. Philippe Sullivan deixava-se ficar sentado commentando alegre e espirituosamente, com um ou com outro, os mil episodios do baile, essas breves loucuras côr de roza atravez das quaes um espectador sereno entrevê sempre um demonio zombeteiro a rir-se mephistophelicamente.

Agora passa a viscondessa entre as nuvens alvacentas do seu pó de arroz, reclinada no hombro de um cavalheiro cuja casaca vai enfarinhada da serodia mocidade da viscondessa.

Logo ha-de passar o leão decrepito e amoroso a rociar de agua circassiana a pomba de vinte annos que elle empolga nos braços com os ademanes grotescos que eram moda no tempo dos francezes.

{20}

Depois... Depois o grande carnaval das salas em todo o esplendor dos seus fatos de lentejoulas e dos seus pingentes de pechisbeque.

Às vezes diziam ao dr. Philippe Sullivan:

—Repare como é bonita!

—É bonita! repetia elle quasi machinalmente.

E todavia diz-se que os grandes espiritos foram destinados ás profundas vibrações dos mais delicados sentimentos. E entre os delicados sentimentos é delicadissimo o amor. Elle é tão subtil como as essencias mais finas; elle é uma perola que é preciso saber equilibrar sobre a palma da mão vestida de luva branca. Um movimento mais ardente póde despenhar a perola. Quantos amores se não hão perdido por haverem querido apressar a hora da felicidade!

Ó meu caro dr. Philippe Sullivan, serás tu uma organização especial e extraordinaria, talhada no marmore onde se concentra eternamente a frialdade dos gelos septentrionaes?

Não creio, meu caro doutor, não creio.

Tu és homem, e tens dentro de ti a peor fatalidade do teu sexo: o coração. A gloria é pezada como todas as prisões. Ha-de haver na tua vida um momento em que o coração te bata no peito as pulsações violentas da febre, e te diga finalmente: «Eu quero um momento para mim. A gloria tem-te escravizado toda a vida. Escravo, rehabilita-te um instante!»

{21}

Todavia o dr. Philippe Sullivan fôra envelhecendo com a mesma tranquillidade risonha dos primeiros annos da vida, e parecia que no seu coração havia a calma que lampejava na face em clarões de paz e felicidade.

Assim foi que elle chegou aos setenta annos, a essa idade avançada em que o coração já está morto e amortalhado de gelos no peito dos que o assassinaram a golpes de punhal, durante a lucta das paixões; a essa idade em que ha ainda no profundo ceu da nossa alma as cambiantes formosas d'um bello occaso quando se atravessou o mundo sem receber a ultima desillusão.

A vida romanesca do dr. Philippe Sullivan era inteiramente desconhecida dos seus primeiros amigos e das pessoas que mais frequentavam a sua companhia. Suppunham uns que nunca tivera amado; suppunham outros que guardava avaramente o segredo das suas felicidades amorosas.

Elle estava velho, chegado aos setenta annos, e os romancistas desesperariam de copiar tão distincto typo de medico por lhes faltar a urdidura romantica que particularmente interessa os leitores de novellas.

«É um bello typo á procura d'um romance!» disse d'uma vez, fallando do dr. Philippe Sullivan, um dos nossos primeiros homens de letras.

Enganava-se.

A verdade é que era um bello romance á procura d'um bom romancista.

Ora o bom romancista não appareceu até hoje a metter hombros á tarefa. Encarreguei-me eu d'esse pequeno serviço—eu, o mais incompetente de todos os escriptores portuguezes—prestado á memoria de esse medico famoso que deixou de si memoria assignalada. (22)

No dia em que completava setenta annos, o dr. Philippe Sullivan convidou os primeiros medicos e os primeiros escriptores de Lisboa para o que elle chamava a sua ultima ceia. O agrupamento de todas estas circumstancias, a curiosidade de devassar pela primeira vez os mais reconditos aposentos d'um homem por tal modo elegante e erudito, que nunca recebera com tamanha prevenção; a circumstancia de parecer querer despedir-se romanescamente da vida esse velho distincto que ultimamente apenas apparecia no theatro com a fria austeridade da sua casa e das suas luvas pretas; o orgulho de não ser esquecido para essa *soirée* em que se presumiria estaria representada a primeira aristocracia do talento, mil outras circumstancias emfim de que se fazia acompanhar e seguir esse convite inesperado e tentador agitaram profundamente o espirito publico n'uma terra onde os acontecimentos são ordinariamente poucos e insignificantes.

O dr. Philippe Sullivan habitava n'esse tempo um elegante palacete convisinho do cemiterio inglez e de esse outro predio notavel onde o visconde de Almeida Garrett fallecera. Elles haviam sido amigos, elles estiveram nas camaras ao mesmo tempo, elles tinham o seu que de commum na delicadeza de gosto e na grandeza de espirito.

Nas primeiras salas, distincta e ricamente mobiladas, estava o bilhar, a livraria, o gabinete de leitura, onde as mais voluptuosas commodidades, a mais suave luz, quebrada discretamente em *abat-jours* convenientemente coloridos, convidavam a esse engolhar do espirito que põe todo o sabor e todo o encanto aos livros. Á sala de leitura seguia-se o gabinete anatomico e o arsenal cirurgico, copiosos de exemplares valiosissimos. Ah! tinham o seu que de terrivelmente phantastico essas grotescas figuras de cera, de cartão, ou elasticas representadas em mil differentes posições dolorosas; essas asquerosas deformidades arrancadas ao corpo humano durante a profunda somnolencia da anesthesia, e esses ferros de gume delicado e garras dilacerantes illuminados pelo reflexo tremulo do gaz que, borboleteando por elles em filetes luminosos, parecia dar vitalidade e contracções a toda essa inanimada galeria de raros exemplares perfeitamente trabalhados ou habilmente operados. A maior parte dos convidados que não eram medicos evitavam inteiramente estas duas salas, espreitando-as da porta do gabinete de leitura, e deixando-se cahir n'uma *chaise-longue* com os olhos disfarçadamente postos n'um livro que não liam. Os medicos entravam e demoravam-se em grupos de trez ou de quatro deante das *vitrines*, especialmente deante das copiosas vidraças da secção obstetricia a discutir por exemplo as vantagens do forceps-serra de Van Huevel sobre a céphalotribe de Penard e as dimenções dos golpes na operação cezariana, cujo modelo estava alli deante d'elles quasi tão paciente como se fosse verdadeiro. A um e outro lado da porta havia dois bellos esqueletos por cujos vãos intercostaes rompiam phantasticamente as ondas de luz que irradiavam os candelabros da sala immediata. Um distincto poeta satanico, especie litteraria que n'esse tempo começava a pimpolhar em Portugal, e que n'uma das suas odes terriveis pedira a Satanaz o doce horror de beber o sangue da vingança pelo craneo da amante que o trahiou, foi visto por um dos nossos mais espirituosos medicos, no momento de atravessar por entre os dois esqueletos, tão nervosamente encolhido como se tivesse de escoar-se por entre as pontas de dois punhaes apontados para os hombros d'elle. Aqui está a Vida, em todas as suas evoluções, desde o embryão que o ferro sabe arrancar ao ventre materno até á decomposição repugnante que a ha-de apodrecer. Aqui, ó poetas, ó romancistas, ó sabios que tendes um talher na ultima ceia do dr. Philippe Sullivan, aqui é logar para philosophos, aqui desvelou elle muitas noites, á pallida luz d'uma unica lampada, emquanto vós doidejaveis nas loucuras que envelheceram para vós antes que vos achasseis velhos para ellas. (23)

Ah! que se o dr. Sullivan tivesse uma grande ancia de amar, como toda a vida teve uma grande ancia de saber, como facilmente o poderiamos imaginar o velho doutor Fausto da legenda universal no meio do seus livros poentos e dos seus luzentes instrumentos cirurgicos, emquanto lá ao fundo do gabinete mysterioso appareceria vaporosa e divinal a imagem de Margarida, como no primeiro acto da opera de Gounod, e Mephistopheles espreitaria os anhelos arrebatados do namorado doutor sempiterno! Mas a sua vida é talvez um poema fechado, um cofre de joias por abrir, um segredo que, porventura ao terminar a ultima ceia, descerá com elle á sepultura! Ali! meu velho doutor, meu caro Philippe Sullivan, talvez que estas figuras grotescas e phantasticas, em que tu noite e dia estudavas as profundezas da sciencia e os mysterios da vida, saibam até que ponto costumava avoejar a tua phantasia de artista e de erudito, mas só a tua mão delicada lhes sabia dar movimento e sensibilidade, e agora ahi estão mudas, sem responderem ás nossas interrogações curiosas, emquanto lá em cima o tinir dos crystaes e a phosphorecencia das luzes faz esquecer o mysterio que envolve a tua vida, doutor! (24)

Todas estas salas constituiam o *rez-de-chaussée* e descreviam uma curva em derredor da escada, lançada em ligeiro caracol e ornamentada de vasos, espelhos, estatuetas, candelabros, e suspensões floridas. (25)

No andar nobre havia a um lado tres vastas salas que entre si communicavam por largas portas arqueadas e envidraçadas. Estavam todas abertas, illuminadas, deslumbrantes de esplendor e elegancia. Do outro lado correspondiam os aposentos do dr. Philippe Sullivan, quartos deliciosos, d'uma luz tibia e doce, em grande parte devida á côr das colgaduras e da mobilia. Estavam corridos de par em par os reposteiros. Uns compartimentos interiores, destinados a *toilette* e casa de banho davam communicacão particular para a sala da mesa, cuja entrada principal era pela terceira sala do lado opposto. Ah! a sala da mesa! As graças da phantasia de mãos dadas com as pompas da opulencia! As mais finas e custosas loiças indianas! pratos artisticamente lavradas para os festins d'um principe! *crystaes* multicores e resplendentes! candelabros constellados de lumes sem conto! quadros onde os mimos da natureza sobresaíam pela delicadeza do colorido! um labyrintho de taças, de *plateaux*, de *corbeilles*, de ornatos gelatinosos, de fructos variegados, de pequenos aquarios, de magnificas jarras de Sevres, no meio d'uma vasta sala cortada por dois arcos de uma grande elegancia de desenho!

{26}

Quando os convidados saíram das outras salas, onde deliciosamente os detiveram o bilhar, o *Whist*, a bibliotheca, a conversação scientifica ou humoristica, e entraram á sala da mesa, quasi todos os grupos pararam de subito ao limiar da porta deslumbrados da surpresa de tão grandioso espectáculo.

O dr. Philippe Sullivan fazia notabilissimamente as honras da casa. Elle destacava-se elegantemente n'aquelle vasto quadro por tal modo animado e confuso. Sobre a casaca, que lhe vestia ainda com a elegancia d'um moço, a roseta encarnada da legião de honra recordava tacitamente uma das paginas mais gloriosas da sua vida scientifica.

Essa doce recordação não podia faltar na ultima ceia d'um sabio,—a ceia dos setenta annos, o ultimo resplendor do sol sobre as neves da velhice, o derradeiro punhado de flores arremessado alegremente para a silenciosa aridez do inverno.

A ultima ceia, o ultimo brinde, a ultima taça de champagne! Depois... talvez a morte.

Prolongou-se pela noite dentro a ceia. Não ha imaginar ahi mais vivida, mais fervida, mais scintillante conversação! mais doida, mais caprichosa! borboleta que parecia arrancar de todas as boccas uma palavra de ouro para as deixar cahir em chuva scintillante, do alto da mesa, sobre as flores, os *crystaes* e as luzes! Houve um momento de indiscriptivel animação e de entusiasmo sublime.

{27}

O mais novo dos membros da faculdade propoz um brinde á gloria que cingia de luz a fronte encanecida dos seus velhos mestres. O dr. Philippe Sullivan ergueu-se verdadeiramente commovido e respondeu levantando um brinde á esperanza, ao amor e ao futuro, saudando a mocidade que nas cadeiras do professorado ia a pouco e pouco substituindo brilhantemente os ultimos soldados da velha guarda medica.

—Ah! que sejam felizes, disse elle, que menos os namore a gloria do que o amor! que os loiros da sciencia não affoguem na sua folhagem viridente as delicadas rosas da felicidade terrena! Ah! que é preciso que o medico saiba ganhar no dia de hoje as forças herculeas que tem de empenhar amanhã na sua continuada lucta, braço a braço, com a morte e com o lucto. É preciso que o medico seja homem uma vez ao menos, porque, se elle pensou mais nos outros do que em si, morrerá só, na solidão do seu lar, sem familia, sem mão piedosa que lhe cerre os olhos, sem labios infantis que lhe beijem a mão inanimada, depois de ter vivido tristemente a dar a vida aos outros ou de lhes haver procurado suavisar a morte pelo menos. Por isso eu brindo pelo amor, pela felicidade, e pela esperanza!

Houve então quem se levantasse e dissesse:

—Eu brindo, eu saúdo, eu quizera divinizar os gigantes do dever, os que serenamente poisam a sua cabeça no marmore da sepultura depois de haverem dado ao mundo o maior, o mais sublime, o mais estupendo exemplo de abnegação. Eu brindo os que se não fizeram amar porque todo o coração lhes era pouco para amarem os outros...

{28}

N'este momento, o dr. Philippe Sullivan, extremamente pallido, de pé, com a mão direita firmada na meza e a esquerda apoiada sobre a taça do champagne, disse ardentemente, depois de por alguns momentos haver mergulhado o olhar ennuablado de lagrimas no delicioso conjunto da mesa:

—N'essa phrase está talvez o segredo da minha vida. Ah! que não póde o peito d'um homem fechar-se sobre si mesmo com os seus pensamentos e com as suas dores durante o longo e trabalhoso curso de setenta annos! Nunca sob este tecto se trocaram confidencias porque jámais aqui houve familia. Faltava a doce intimidade do jantar e do serão, das festas e das tristezas domesticas. Eu entrava só, estava só, sahia só,—vivia só. Mas não posso, meus amigos, não posso por mais tempo guardar no seio o que ha tão longo tempo aqui trago escondido. É a primeira e a ultima confidencia. Viestes assistir, amigos, aos alegres funeraes d'um velho collega. Pois bem. Elle quer corresponder á vossa dedicacão, e, no momento de adormecer na paz do tumulo, quer de vós todos fazer a sua familia, contar-vos a sua vida, revelar-vos os seus segredos. É um morto que falla, amigos...

Fez-se um silencio profundo. O dr. Philippe Sullivan, conservando a mesma posição, recommçou:

{29}

—Eu amei, meus amigos, eu amei duas vezes na minha vida, e eu amei duas pessoas que justamente me não amaram...

Passou em todas as boccas um murmúrio de surpresa e talvez de incredulidade.

O dr. Filippe Sullivan espalmou no ar a mão direita, e o silencio restabeleceu-se profundissimo:

—Gastam facilmente a vida as illusões. E uma das mais queridas illusões da mocidade é seguramente a Gloria. Que deslumbramentos a refulgirem no prisma da nossa phantasia, quando o nosso nome principia a passar de bocca em bocca e já uma vez por outra ouvimos por detraz de nós pronunciar na rua o nosso appellido! Ah! as aspirações do homem brilham para dentro delle com a phantastica coloração das stalactites n'uma gruta illuminada pelo sol,—sol de esperança é elle—e, como as stalactites se formam gotta a gotta, as nossas aspirações vão-se conglobando sonho a sonho. Até que finalmente chega o momento em que para todo o sempre petrificam... Esse momento chegou. Mas eu queria dizer-vos que foi a Gloria a grande, a querida, a profunda illusão da minha mocidade. Sonhar applausos, festas, saudações... ah! meus amigos, eu sinto agora mesmo a garra traiçoeira da Gloria a estender-se furtivamente para o meu peito arrefecido pelo gear de longos invernos. Parece-se n'isto a Gloria com a saudade: quando lembra, commove; quanto mais doe, mais se arreiga! Ah! deixa-me em paz, esconde a tua garra tigrina, ó monstro que te chamas Gloria, se não queres que o meu desprezo esmague o teu coração tão abundante de sangue que chega para o mundo todo! Foram sonhos os primeiros annos da vida,—sempre sonhos, deixai-me dizer-vol-o assim, phantasticamente realisados. A Gloria é como os tyrannos que abrem os thesoiros da sua real liberalidade para comprarem uma denuncia, mas que, feita a denuncia, mandam ao sacrificio a victima que ludibriaram. Ah! que em a gente dizendo á Gloria: «Sou teu», chega o momento em que os tyrannos deixam de ser generosos para se volverem feras que preparam festins de sangue. Tudo me concedia a Gloria, tudo me concedeu até esse momento fatal. Eu escravisara-lhe o meu pensamento, eu vivia d'ella e para ella, e atravessava a sociedade com a fria exterioridade d'um homem cujas relações amorosas se envolvem no mais profundo mysterio. Todas as mulheres se me affiguravam lastimaveis quando eu descia ao meu santuario intimo e queimava o incenso da adoração perante o altar do meu idolo. Frequentava n'esse tempo os bailes, unicamente para reivindicar o meu direito, por mim conquistado, de ir aos bailes. Estava nas salas indifferente. Se o meu mundo não era aquelle! No meu mundo não havia mulheres que vendiam sorrisos e que pintavam ao espelho a belleza das faces e dos supercilios. Não! No meu mundo tudo era puro, sincero, leal e digno: povoavam-n'o as aspirações d'um homem, que nascera obscuro, que fizera um nome, e que, de todos conhecido, caminhava para um ponto ideal e luminoso: a Gloria! Ah! que isto é verdadeiramente puro, sincero, leal e digno...

Aqui sorrira desdenhosamente o dr. Filippe Sullivan e, depois de brevissima pausa, proseguiu:

—És pó, homem, és pó!... E tu, vivendo nos homens e com elles, o que has-de ser tambem. Gloria? Deixa-me em paz. Estão por ahi esses moços: crava-lhes no peito a tua garra tigrina. A mim deixa-me em paz. Não venhas perturbar os meus funeraes. Foge, foge... Na sociedade diziam-me ás vezes d'uma ou d'outra mulher: É bonita! Eu quasi sempre respondia distraidamente: É bonita! Eu era como aquelles viajantes, que deixam na patria a noiva, e que atravessam os paizes sem repararem nas mulheres estrangeiras. Assim entrava eu nas salas de baile. Algumas vezes, muitas vezes me disseram de uma mulher, que por esse tempo chegara de Inglaterra onde estivera a educar: «Veja, dr., como é bonita!» «Ali! é bonita!» Para mim valia tanto como as outras. Fallava inglez. Circumstancia aggravante. O Garrett gostava do anglicismo amoroso. Muitas vezes me encareceu a doce realidade do verbo: *To flirt*.

Eu já nesse tempo tinha como principio que, se o inglez se inventou de proposito para alguem, foi justamente para os inglezes.

Um sorriso ligeiro passou nos labios dos convivas.

—Achei sempre tão violento um inglez a fallar portuguez, como um portuguez a fallar inglez. Mas... uma portuguesa! Essa gentil menina entrou na sociedade lisbonense, d'onde saíra creança, com a triplice celebridade da sua belleza, da sua educação e do seu dote. D'entre vós conhecem-n'a os que em Lisboa nasceram: a essas a minha velhice recommenda discrição. Para os que não são lisbonenses desejo eu que ella fique sendo a mulher ideal d'um romance verdadeiro. Alvorçaram-se os mais elegantes moços açulados nas pesquisas de noiva rica. Dois de entre elles pareciam nivelados nas probabilidades de triumpho: um era barão; outro visconde. Andava travado um grande duello moral entre os dois. Não se faltava d'outra coisa: discutia-se a elegancia do barão e a fina educação do visconde. No theatro, em estando ella, havia trez pontos, ligados por linhas invisiveis, em que todos os olhares se fixavam: ella, o barão e o visconde. Este era o triangulo da curiosidade publica. Eu costumava rir-me dos novos episodios que dia a dia ia offerecendo o grande pleito amoroso, e algumas vezes cheguei a acreditar ingenuamente na possibilidade d'uma segunda guerra de Troya... A minha idade era já tocante na petrificação das illusões: eu tinha quarenta e oito annos. Esta deve ser a fria idade da critica e, por conseguinte, da reflexão. Era justamente isso o que eu fazia: Punha sobre a minha pequena mesa anatomica aquella titanica lucta de Melenau e Páris, e com o meu escalpello de medico ia minando até encontrar o cofresinho onde se guardava o dote disputado. Em sentindo tilintar o dinheiro, desatava a rir.

Riu tambem das facetas imagens do doutor Filippe Sullivan a erudita assembleia.

—A esse tempo, como ia dizendo, começava a entrar commigo o tédio da gloria. Eu principiava a sentir que viver era mais alguma cousa que triumphar. Faltava-me, meus amigos, o soffrer. Ah! faltava-me o soffrer, essa incomparavel doçura do veneno! Solidificavam finalmente na friura da pedra as prismaticas stalactites da minha gruta remançosa. E começava a rir dos que comprehendiam a vida sem a necessidade de soffrer. Ora o barão e o visconde, disputando-se um dote monstruoso, denunciavam tacitamente a sua repugnancia pela necessidade de soffrer. Eu fazia d'ambos elles um conceito insignificante. Lembro-me perfeitamente de que uma noite se conversava ácerca d'esse famoso casamento. Discutia-se sobre a preferencia de noivo. Foi pedida a minha opinião. Esquivei-me. Insistiram. Respondi que triumpharia o visconde. «Porque, dr.?» perguntaram. «Por ser visconde» respondi. «Ora! Isso não é rasão!» replicaram. «Peço perdão, redargui, os viscondes teem geralmente mais razão que os barões.» Começava a aborrecer-me tanto como a gloria a já longa questão do grande casamento. O que eu desejava era que elle se effeituasse d'um modo ou d'outro para que me deixasse em paz. Mas... uma noite, uma noite, estava eu em S. Carlos, e vejo entrar na platea, visivelmente perturbado, o visconde. Phantasiei de repente uma scena de pugilato como barão. Olhei, a procural-o. O visconde, porém, aproximase de mim, e pede-me com precipitação que o acompanhe a vêr um doente. Saimos ambos. No corredor, o visconde passa o braço direito pelo meu dorso, encosta-me ao seu peito, de tal modo que eu sentia bater vertiginosamente o seu coração, e diz-me com dolorida vivacidade: «Doutor, um grande favor: salve a minha noiva.» «A sua noiva!» repeti admirado, enfiando a sobre-casaca. «A minha noiva» respondeu elle, e accrescentou o nome. Era ella. E, já no trem, emquanto o visconde mascava avidamente o charuto e olhava através do vidro enevoadado do vapor da noite, ia eu dizendo commigo mesmo: «Afimal de contas, os viscondes teem geralmente mais razão que os barões.» Chegamos. Os criados andavam azafamados pelos corredores. Sentia-se no ar aquelle sinistro alvoroço que acompanha as grandes enfermidades e succede ao passamento de uma pessoa da familia. O visconde ia adeante de mim, rapida mas cautelosamente. A meio de uma das salas saiu-nos ao encontro a attribulada mãe d'essa gentil menina. O pae passeava á porta do quarto da filha representando a força, como se fizesse sentinella para obstar a que entrasse a morte. Quando me viu, abriu para mim os braços: temia-se da morte, e esperava que eu fosse a saude, a vida. Aos lados do leito velavam, nos vãos do pudico cortinado, trez meninas parentas da casa. A doente, justamente no momento em que eu entrei, recostava-se impacientemente nas almofadas, tinha as faces rubras do carmim da febre, sobretudo na preeminencia dos mallares. Era extrema a sua agitação proveniente da pontada sobre o lado esquerdo, das nauseas, dos calafrios, da tosse, da tosse que era violentissima, e que fôra n'ella, estando á mesa, a subita manifestação da molestia. Estava perfeitamente diagnosticada á primeira vista a pneumonia aguda complicada de pleuresia. A auscultação não deixou duvidas. O visconde, ao pé de mim, allumiava com uma pequena palmatoria de prata. O pae e a mãe estavam meio escondidos por detraz do cortinado, mirando-me com olhares dolorosamente interrogadores. As trez meninas haviam sahido do quarto. Sahi para receber. O visconde e o pae da doente prenderam-me cada um por seu braço e interrogaram-me com um gesto. Respondi a verdade,—que estava gravemente doente, mas que eu não desesperava de salv-a. O pae voltou-me as costas aturdido d'aquellas verdadeiras e lentas dores que os paes costumam soffrer pelos filhos; o visconde poisou o castiçal e com ambas as mãos apertou a minha. «Doutor, tornou a dizer-me, salve-m'a, salve-m'a!» Havia effusão no que dizia. Eu, n'aquelle momento, esqueci-me de que aquella mulher era rica, e o visconde seu noivo. Queria salv-a á custa de sacrificios e de esforços. Voltou o pae á sala, bateu-me no hombro e disse: «Doutor, não nos fuja, não nos desampare. Eu vou mandar-lhe preparar um quarto.» E, sem esperar a minha resposta, sahiu rapidamente. A minha resposta, a ter tido tempo para responder, era a annuencia. Não se é medico para outra coisa. O logar do medico é ao pé do doente; eu estava no meu logar. Essa noite foi terrivel de anciedade para todos. Eu sentei-me á cabeceira do leito, preparando e ministrando por propria mão os remedios. A insomnia prolongou-se pela noite dentro, e, não obstante a rapidez das applicações, sobreveio de madrugada o delirio. Muitas vezes, emquanto o delirio durou, ouvi á doente o meu nome. «Doutor! doutor!» Invocava o meu auxilio e a minha amizade, mas não atinava com o mais que desejava dizer. O nome do visconde nunca o pronunciou. Do outro lado do leito a mãe, sempre que a ouvia pronunciar o meu nome, punha as mãos sobre as quaes lhe caiam as lagrimas, voltada para mim, como o faria deante de um altar, n'uma supplica silenciosa. Já era manhã quando a doente, apoz alguns momentos de grande agitação, teve que obedecer á acção dos medicamentos, e descaiu sobre o meu braço no momento em que a amparava. Dormitou, poisada a cabeça sobre o meu braço, alguns momentos. Quizeram substituir o meu braço pelas almofadas. Não consenti. Então, de repente, comecei a entrar n'um estado excepcional, em que me parecia que não estava ali como medico, conservando todavia a consciencia de o ser. Não sei, devo dizer-vol-o, que pura e respeitosa voluptuosidade me dava o corpo gentil d'aquella mulher poisado sobre o meu braço! Se estivessemos sós, havel-a-ia beijado nas tranças; mas, se ella não estivera doente, quizera retirar o meu braço! Extranhas loucuras! Extranhos pensamentos que nunca eu tivera! E, ao mesmo tempo, não sei que mysteriosa attracção para aquella leito, para aquella doente, para tudo o que nos cercava ali! Eu começava a achar em mim mesmo profundezas desconhecidas. O visconde entrava de vez em quando na camara e todavia eu não odiava o visconde! A pobre mãe, com os olhos docemente postos na filha, começava a inspirar-me um profundo sentimento de sympathia. «Que é isto?» perguntava eu a mim mesmo. «Que estou sentindo eu, que enlouqueci de repente?» E não sei que doce oppressão soffria o meu braço n'esses breves momentos,—tão breves foram!—que ella dormiu. Eu estava bem! tão bem, sem saber por que, n'aquella incommoda posição, sem todavia pensar uma vez sequer que o visconde desejaria estar como eu! Não reputava aquillo felicidade. Mas estava bem! tão bem! Durante esse tempo, que teve para mim a duração d'um momento, eu era um novo homem que despertava em mim, mas como que aturdido d'um sonho. Não sei bem explicar o meu estado. Depois, ella teve um frouxo de tosse, e abriu os olhos. Abriu os olhos, e

(33)

(34)

(35)

(36)

(37)

olhou para mim. Não sei se me viu. Sei que eu achei no seu desluzido e meigo olhar uma doçura inexcelsível. «Ah! heide salvar-te!» disse de mim para commigo, cheio de confiança e entusiasmo, reptando-me a mim proprio. «Muito bem! continuei eu monologando, acceito a luva. Aqui está esta vida preciosa, que eu principio, não sei porque, a estremecer. D'acolá, d'aquelle lado, está a doença, talvez a morte, o anniquilamento de tudo isto tão delicado e gracioso. Não avançarás, morte, não espalharás sobre estas faces o teu punhado de pó. Para traz, miseravel, que vens atacar uma mulher que nem sequer pensava em ti!» Recolhi-me por algumas horas ao meu quarto por haverem instado commigo, não que eu quizesse ir, porque já me custava desamparar aquelle leito cujo alvo cortinado fechava para mim um paraíso. Não me pude deitar; não poderia adormecer. Comecei a passear e a fumar. De repente faço reparo nos quadros que pendiam das paredes: o retrato d'ella! Surpreza providencial! O retrato d'ella! Comecei a sentir-me menos impaciente desde esse precioso achado. Arrastei a cadeira para defronte do retrato. Sentei-me, fumava, pensava... Que pensava eu? Não sei. De meia em meia hora ia ver a doente, e voltava a sentar-me defronte do retrato. Demorava-me pouco ao pé do leito; tinha receio de que notassem em mim excesso de zelo medico. Espantosa cobardia a minha! Estava mais tempo em frente do retrato do que ao pé do leito. Quando chamaram para o almoço, fui ver a doente e, extraordinaria incongruencia! eu, que principiava a ter receio de estar ali, ao pé d'ella, senti-me vagamente triste por ter que sahir para ir ver outros doentes. Não me dispensaram de jantar. Oh! com que intimo prazer não acceitei eu, apezar de apparente reluctancia, esse convite que para mim seria de uma impertinencia atroz feito n'esse mesmo dia por outras pessoas. Dentro do meu trem, fumando continuamente, fumando sempre, achei-me só, triste, inquieto. Descubri n'esse dia um dos multiplos segredos da vida, para descerrar os quaes ha sempre uma chave na mão das circumstancias extraordinarias. O segredo que eu descobri, meus amigos, essa terrivel surpresa que me assaltou n'esse para mim notabilissimo periodo da minha existencia, foi a *solidão do trem*. Acreditem, é uma subtil observação psicologica, que passa despercebida quando se é feliz. Oh! mas quando se soffre, e se vê e ouve atravez dos *stores* d'uma carruagem o mundo, o rumor, o bulicio, a vida, e nós vamos sosinhos, ali dentro, como quem passa para o cemiterio, então, meus amigos, a *solidão do trem* é horrivel, medonha, pavorosa. Vi os meus doentes preocupadamente. Com extraordinaria impaciencia esperei a hora do jantar, a *hora da familia*, como eu ia dizendo commigo, eu, que nunca tive familia, e que portanto nunca soube o que era jantar. Recolhi meia hora antes do que devia, para gastal-a ao pé da minha doente. O seu estado, sem ameaçar perigo imminente, continuava a ser grave. Mas a esperanza de a salvar, direi mesmo a certeza, cada vez profundava mais no meu coração. A doente por duas ou tres vezes me relanceou o seu olhar mavioso. Oh! que paraizo aquelle, o dos seus olhos! Que preciosa recompensa aquelle para as preocupações d'um medico! Dir-vos-hei, amigos, sinceramente, lealmente, se aquelle mulher houvesse succumbido á molestia, eu haver-me-hia suicidado para extinguir em mim uma sciencia que desde esse momento reputaria inteiramente falsa e inutil. Foi ainda de graves cuidados essa noite, que eu desvelei quasi toda sentado á cabeceira do seu leito. Depois da meia noite, a doente conseguiu dormir somnos curtos mas tranquilllos. A sua pobre mãe, extenuada pela fadiga physica e moral, dormitava alguns momentos; na saleta, o visconde, que nas ultimas vinte e quatro horas havia alterado o seu horario aristocratico, cerrava por vezes os olhos, e cabeceava. O dono da casa estava descançando para revezar a esposa no espinhoso cargo de enfermeiro. Só eu velava ali, eu só, com os meus extraordinarios pensamentos, amando, posso e devo dizel-o, amando em silencio, pela primeira vez na minha vida, aquelle mulher, cujas fórmias a pallida luz da lamparina e a alva roupa do leito tornavam vaporosas, e que eu amava desinteressadamente, puramente, como se ella não fosse rica, como se não fosse formosa e gentil. Ah! que era de certo essa a primeira vez que ella era assim amada no mundo! que foi essa de certo a ultima vez que ella foi assim amada!... Sou quasi chegado, meus amigos, ao para mim mais pungente lance d'esta narrativa. Não terei forças para historial-o com o vagar que requeria...

(38)

(39)

(40)

E o dr. Philippe Sullivan, cerrando os olhos por alguns momentos, em meio de geral e profundissimo silencio, concluiu rapidamente:

—Pois bem. Abreviemos. Á medida que a doença cedia, recrescia o meu amor. Chegou finalmente a hora que eu desejaria retardar indefinidamente, mas que a minha consciencia de medico me obrigava a determinar: a hora de a entregar formosa e salva aos braços de seu marido. Ah! que é terrivel! *Aos braços de seu marido!* O que se passou em mim, o que eu soffri, nem o sei, nem vol-o posso dizer... Marcou-se dia para o casamento. Ella veio pessoalmente a minha casa, com a mãe e com o noivo, convidar-me com invencivel insistencia. Oh! e foi ella mesma que me impoz esse enorme sacrificio! Prometti ir. Fui. Falleceram-me forças para entrar á capella. Fiquei ao limiar. Ella, quando entrava pelo braço do pae, teve para mim um sorriso de gratidão, e disse: «Devo-lhe a vida, doutor.» Amigos, lancemos uma onda de champagne sobre esta primeira pagina do meu breve romance. Pelo amor, amigos, pelo amor! Hoje, a noiva de ha vinte annos é uma virtuosa senhora que, se me avista na rua, diz ainda ao marido ou aos filhos: «O doutor! é o doutor!» Entre a viscondessa de hoje e o seu medico de ha vinte annos, ergue-te tu, ó generosa mocidade, coroada de rosas e de loiros, que me ouviste, que me comprehendeste, que me perdoaste decerto!

(41)

—Pelo dr. Sullivan, a mocidade eterna! pronunciou tremula de commoção uma voz.

—Pelo dr. Sullivan!—repetiu rumorosamente, de pé, copos erguidos, a sabia assembléa.

Houve então um intervallo de extraordinaria animação e vivacidade, de commoção profunda. Um romance de amores, de maguas intimas e grandes, vinha completar a biographia d'aquelle

homem notavel. Elle pertencia já a muitas das galerias em que a posteridade costuma admirar o passado: á medicina, á politica, á historia e á sciencia; desde essa noite, elle pertencia tambem ao romance, a mais agradável de todas as apotheoses. Exclamações, dialogos, abraços, brindes, tudo isso succedeu como n'um conto phantastico a essa extranha revelação do dr. Philippe Sullivan. E á surpresa do que se ouvira, misturava-se já a impaciencia pelo mais que elle promettera contar. Como se todos os convivas obedecessem ao mesmo impulso, a pouco e pouco retomaram os seus logares na mesa da ceia, de modo que a figura do dr. Sullivan de novo se destacou, naturalmente, na primitiva attitude, coroada dos reverberos phosphorecentes dos candelabros.

Elle recommçou, accendendo negligentemente um charuto, e lançando sobre as primeiras palavras essas perfumadas e tenues nuvens de fumo que para logo denunciam um tabaco delicioso.

—Entre os dois capitulos unicos d'este romance medéam vinte annos, amigos. Durante este longo periodo envelheceu o protogonista, cujo original tendes presente. Nevaram-se-lhe os cabellos; mas o coração não envelheceu. O coração, posso dizer-vol-o, atravessou a vida sem conhecer o mal, sem o suspeitar siquer. Não extranheis a apologia. No epitaphio tudo se escreve, e eu estou escrevendo o meu. Perante qualquer outro auditorio, seria risivel o espectáculo d'um velho namorado; para vós não é, que o sei eu, porque vós sabeis apreciar estas delicadas aberrações da sensibilidade, vós, grandes phisiologistas, vós, philosophos distinctos, vós, mais que tudo isto, almas nobilissimas. É o theatro, amigos, um porto de salvação aberto aos naufragos do mundo. Os que não teem sociedade especial, compram um logar n'essa sociedade de todos, e conseguem passar uma noite. Os que da sociedade sahiram feridos, e a evitam, fogem-lhe, estando entre ella, no theatro. As *boccas inuteis* da sociedade, deixae-me assim dizer, os que já se não divertem nem divertem a sociedade, os velhos especialmente, são uma especie de corpo extranho que o grande mar social arrojou para fóra de si. A praia protectora, o refugio, o porto unico de todos estes naufragos é—o theatro. Pois bem. Eu comprehendi, nos ultimos annos, esta verdade, e comecei a frequentar o theatro. Tinha eu lido, por muitas vezes, em outro tempo, que o theatro era interiormente um fóco de sensações extranhas, de fascinações especiaes, uma nova sociedade, um novo mundo, até. Mas eu ia ao theatro unicamente para gastar uma noite. Nenhum interesse me inspiravam as intrigas de bastidores. Quando o panno descia, acabava para mim o theatro; quando subia, recommçava. Ha tres annos, meus amigos, que morreu entre nós uma cantora notavel. Todos a conhecestes, todos a applaudistes, porventura. Ah! ninguem podia vê-la e ouvi-la, e ficar indifferente, silencioso, esquecido d'ella! Vi-a, no dia immediato ao da sua chegada, no Chiado. Ella ia de trem. Viu o emprezario a fallar commigo. Mandou parar a carruagem, o emprezario aproximou-se, e apresentou-me. Bella, se o era, bella! Bem o sabeis, se o era! Lisboa inteira conserva immorredoira recordação d'essa mulher extraordinaria pela voz e pela formosura. Fui á primeira recita. Que ovação aquella, amigos, que estrepitosa e espontanea ovação! Tenho ainda nos ouvidos os fervidos rumores d'essa festa, que se agitava em derredor de mim, e em que eu tomava parte só intimamente, porque a minha austera posição de medico, e sobretudo a gravidade da minha velhice, me obrigavam á fria compostura d'um authomato. Ah! as convenções sociaes, meus amigos, o que se perde de vida pelas convenções sociaes! É-se novo, ha fronteiras que importa respeitar e não ultrapassar. É-se velho, novas balisas,—as ultimas—a delimitarem o numero dos nossos passos e a largura dos nossos gestos. Tiraie á vida os periodos da infancia e da velhice, e vede o que fica, amigos! Eu não faltava ao theatro. Eu esperava com impaciencia pela noite. Eu comprei em toda a parte quantas photographias appareceram d'essa mulher adoravel. Cerquei-me d'ellas, comparava-as, discuti-as perante o tribunal da minha critica artistica, e concluia sempre por achal-as inferiores ao original, que eu adorava. Algumas vezes sahi mais cedo de casa para ir vê-la entrar no theatro. Postava-me a distancia, a grande distancia, disfarçadamente. Via parar o trem, descer o seu vulto, entrar rapidamente pela porta do palco. Ah! como eu vivia de tudo isso, como eu estimava que lhe *bisassem* os mais doces, os mais delicados trechos de musica, para vê-la mais tempo, para a poder ter defronte de mim mais alguns momentos! Se se contra-annunciava um espectáculo, que contrariedade a minha! Que ditosas que seriam as mulheres se podessem amar, se conhecessem, ao menos, todos os homens que as amam em segredo! E entre as mulheres todas, especialmente as de theatro, se soubessem como ás vezes são amadas puramente, loucamente, ellas, que estão habituadas a ouvir phrases que já não podem enganar quem as diz nem quem as ouve! Eu ouvia fallar de ceias que lhe offereciam, ceias sumptuosas e alegres, e das quaes alguns de vós foram porventura convivas. Nunca assisti a nenhuma. Um velho n'um banquete onde a mocidade erguia as taças! E depois, novo que fosse, por Deus, que não iria tambem! Eu quebraria contra a meza a minha taça, quando outro homem ousasse levantar um brinde á mulher que eu amava. Uma noite, amigos, entrava eu no theatro e pude, atravez da agglomeração dos grupos, lêr o contra-annuncio affixado no atrio. *Por grave doença d'ella* não havia espectáculo! *Por grave doença d'ella!* Mas eu era medico, e tinha direito a vê-la! *Por grave doença d'ella!* Mas eu era medico, e, permiti-me a vaidade que o amor despertára impetuosamente, diziam que eu era um dos primeiros medicos, e todavia não se lembraram de mim! Tive, porém, um momento de reflexão: havia vinte annos que eu tinha sahido d'aquelle mesmo theatro para acudir a uma grave enfermidade que se manifestára subitamente. Quem sabe se aconteceria o mesmo, se procurariam, ao acaso, um medico, e levariam o primeiro que o acaso lhes deparou? E depois, para que? para que quereria eu haver sido chamado? para, como ha vinte annos, luctar braço a braço com a morte, soffrer, soffrer, soffrer e, salvando-a, restituil-a á vida, á mocidade, á gloria, a todos os que diziam amal-a? Recolhi-me a casa, resignado pela reflexão, mas profundamente triste. Não quiz perguntar por ella. O meu orgulho de medico conhecido não me permitia perguntar por uma doente que eu não tratava. Passei a noite inquieto; os curtos somnos que seguiram ao primeiro foram intervallados pela sua doce e dolente

{42}

{43}

{44}

{45}

recordação. Eu via-a, ora na scena, festejada, applaudida, disputada por todos: ora morta, amortalhada para a sepultura, pallida, silenciosa, esquecida de todos. E, o que mais era, eu quizera que a realidade fosse esta—ó egoismo humano!—para que ninguém gozasse uma felicidade que eu não tinha, e para que o meu amor, o unico verdadeiro e duradoiro, fosse chorar sobre o seu tumulo as primeiras e talvez as ultimas lagrimas da saudade. De manhã, pedi com impaciencia os jornaes. Procurei noticias. Todos diziam que ella estava perigosamente doente. Sahi para a rua, sem saber para que e porque. Encontrei logo quem me fallasse n'ella. Foi para isso de certo que eu sahi. Mais pessoas, muitas pessoas, as ultimas das quaes me disseram que ella havia fallecido. Ah! que ella havia fallecido! Então já não era de mais ninguém! Então realisára-se o meu sonho! Ó natureza humana, que infame que tu és!

(46)

E o dr. Philippe Sullivan por algum tempo escondeu o rosto entre as mãos.

—Não vae sem legenda á sepultura um cadaver illustre. Parece que a morte não tem direito de roubar os que por algum titulo se nobilitaram. Em torno do cadaver d'ella inventaram-se boatos sinistros. O rapido e fatal desfecho da molestia parece que deu margem á suspeita de morte violenta, e o certo é que, como perfeitamente sabeis, a authoridade competente requereu autopsia. Eu fui convidado para tomar parte n'esse acto. Ah! que felicidade essa! Ia vê-la, ao pé de mim, como nunca vi, como poucos talvez a viram! Aceitei, aceitei ardentemente. Fui cedo para o cemiterio. Queria vê-la sósinho, beijal-a em segredo, dizer-lhe o que nunca lhe tinha dito. Os meus olhos iam, finalmente, saciar-se de a vê-la. Quando eu cheguei ao cemiterio, não estava ainda ninguém. Ninguém! Estava ella;—ella era tudo para mim! Levantei respeitosamente o lençol, deixando a descoberto a fronte e o collo. Assim era que eu a via no theatro: assim me pareceu bella como então! Mais bella talvez! Mais branca e mais serena. Levemente affastei os cabellos castanhos que se annellavam sobre a testa. Que formosa! que formosa! Curvei-me para ella, beijei-a na face e disse-lhe como se me pudesse ouvir:

—Ah! finalmente! posso dizer-te que te amo! Agora, que estás aqui sósinha, agora, que todos fogem receiosos do cheiro da tua podridão, agora te posso eu dizer que te adorei como nunca foste adorada! Já não ha vozes de festa e de applauso em torno de ti, mas ha a minha voz, querida, a minha voz e as minhas lagrimas... Pois não vêes tu que estou chorando? E quem mais te chorará no mundo a esta hora? Ninguém! Se ainda tens na patria algum parente que te pranteie, esse mesmo te chorará depois de mim!... Ah! como tu vivias illudida! Pergunta onde estão os que diziam amar-te. Bocejam a esta hora no longo somno da manhã. Eu toda a noite passei inquieto por ti. Elles desvelaram-n'a no prazer. E todavia nunca me deste um sorriso, nunca soubeste que te adorava! Como arfava nas noites de festa este teu seio formoso! Como se te coloriam as faces! Que turbilhões de vida não revolviam estas tranças! E agora tudo vae para a terra, mas, antes que a terra o receba, tudo eu quero adorar! Não, não irás para a terra, querida, como os pobres e como os estrangeiros. Eu tenho ahi um leito de marmore, que é grande de mais para mim. Já lá repoisam dois amigos. Para lá irás tambem. Lá esperarás por mim, que não posso tardar. Pretextarei piedade por uma estrangeira distincta para te fazer esta concessão. Não tive familia em vida; tel-a-hei em morto, ao menos. Ah! pobre coração tão calado! O que tu pulsaste, o que tu doidejaste talvez! Não se é nova e formosa impunemente. Agora tudo é silencio e frialdade em ti; aqueçam-te siquer as minhas lagrimas, que são puras e ardentes.» E eu via cahir uma a uma as minhas lagrimas sobre o coração d'ella,—aquelle coração que eu compraria a peso de oiro, se ella o vendesse. N'esse momento senti passos, e soavam já tão perto, que mal pude disfarçar-me. Era o seu assistente, que está alli...

(47)

(48)

E o dr. Philippe Sullivan indicou um dos mais novos medicos, que estavam em torno da sua meza.

—Ha de lembrar-se, dr., de que extranhou, ao entrar, a minha commoção. «Choro esta pobre mulher, que ninguém mais chora» respondi eu. «Porque ella ninguém choraria tambem» replicou o dr. «Como?» «Porque ella, caminhando de festa em festa, de prazer em prazer, não teria tempo de fazer reparo nos que cahiam deante de si. E tamanha era a embriaguez deliciosa da sua vida, que a levou a apressar a morte, a esaldar o sangue que lhe refervia no coração em turbilhões aneurysmaticos. Ninguém a matou; suicidou-se ella. Era preciso, porém, transigir com o mundo: requeri autopsia.» «Cale-se, dr., por Deus lhe peço!» respondi eu. E não pude continuar... Entravam os magistrados que tinham de ser presentes. O dr. offereceu-me o escalpello; eu dei o primeiro golpe. Nunca senti a mão tão leve como n'esse dia. Dir-se-ia que eu não queria magoal-a... O ultimo brinde, amigos, o ultimo brinde! Pelo amor! pela esperanza! pela felicidade! É dia; vem rompendo a manhã. Abramos as janellas. Deixemos brilhar o ultimo raio de sol sobre a minha ultima ceia.

Meia hora depois, dizia-se n'um grupo de homens notaveis, que esperavam nas salas baixas os seus trens:

—Foi a ultima ceia do dr... Fausto!

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE
THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed,

viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3

below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you ‘AS-IS’, WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™’s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt

status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.